

‘Ser perfeito demais pode desumanizar a canção’

Ana Karina Zaratín/Divulgação e Divulgação

A reportagem ouviu as músicas na casa do cantor, em São Paulo. O rock pesadíssimo “Ogum”, lançado em 2010 no álbum “Vivo na Cena”, se tornou um boogaloo, um ritmo porto-riquenho de baile, quente e sensual. Outra que a IA devolveu, a pedido do artista, com arranjo e ritmo caribenho, mais particularmente “afro-cubano ao estilo Buena Vista”, foi “Poeira nos Olhos”, lançada no projeto “Nasi e Os Irmãos do Blues” em 2001, no álbum “O Rei da Cocada Preta” - uma adaptação autorizada do tema “Equinox”, do jazzista John Coltrane, morto em 1967.

Traduzida para “Polvo em los Ojos”, o que a IA fez, por mais indelicado que seja dizer isso, soa melhor do que o que Nasi e os instrumentistas humanos fizeram em 2010. “Eu também achei, pode pôr isso na matéria.”

As únicas participações reais no disco são da cantora Nanda Moura no vocal de “Alma Noturna”, do guitarrista Johnny Boy em uma segunda voz de “Perigoso” e de dois instrumentistas tocando trompete e violoncelo em duas faixas. A interface das ideias do artista com as plataformas de IA é feita com a ajuda do músico Augusto Junior.

Poderia então o talento artificial da IA superar ideias de arranjos ou mesmo de composições feitas um dia por um artista? “Sim”, diz Nasi, convicto. Mas tem aí uma armadilha que pode jogar contra a máquina.

“Polvo em los Ojos”, por exemplo, veio com um arranjo de metais característico dos cubanos tão perfeito na ideia e na execução que, em algum momento, diz o próprio cantor, deixa de ser humano. A música, e esse pode ser o próximo debate, não precisa das imperfeições? Sua resposta também é sim.

“Eu fiquei espantado com esse naipe. Quando tocamos com músicos, ouvimos algumas imperfeições, algumas semitonadas. Até os vocais dos Beatles têm isso. Há certos defeitos e sujeiras que, na minha opinião, tornam a música mais humana. Ser perfeito demais pode desumanizar a canção e torná-la robótica.”

Haveria espaço para um caminho de



Nasi admite ter ficado espantado com o resultado final dos arranjos e admite que um processo de composição híbrida deva funcionar melhor

composição híbrido? “Sim, o ideal seria a mistura entre IA, arranjadores e músicos, todos trabalhando juntos.”

O single que será lançado em janeiro, com um clipe também feito em IA, se trata de uma versão de “Corpo Fechado”, uma pedrada escrita em 1986 como rap e só gravada como rock sobre uma base de um blues de Muddy Waters em 2006.

O resultado do que Nasi pediu para a IA, “um samba de partido alto com referências de Martinho da Vila, João Nogueira e Agepê” é quase uma insurreição ao que existia. O rock virou samba. E deu certo. “A IA primeiro mandou uns pagodes, que descartei. Depois que citei os nomes dos sambistas, veio a versão definitiva.”

O campo mais minado talvez esteja no resultado de “Feitiço na Rua 23”, que virou um trap. A original saiu em 2011, no álbum “Perigoso”, inspirada em uma história real que

ele conta: “É sobre uma mulher que foi tirada de mim por feitiço. Tive de evoluir espiritualmente para quebrar isso e fazê-la voltar para mim. Tudo bem que depois nos separamos de novo”, diz ele, um praticante dos cultos de Ifá e Orixá da tradição Iorubá desde 2009.

“Feitiço” era um rock nos moldes do guitarrista Dick Dale, uma surf music. Podem os fãs estranhá-la agora, em formato de trap? “Cara, não estou nem aí para isso. Só quero me divertir. E vou te dizer uma coisa, me diverti mais fazendo esse disco do que muitos álbuns que fiz com o Ira! Eu senti que poderia me mostrar como cantor cantando coisas que adoro, mas que jamais poderia fazer de outra forma.”

Outra vantagem que ele aponta tem a ver com valores. O custo final da produção de um álbum concebido com a ajuda da IA, por mais que traga também a inclusão de instrumentos reais, é, em média, 50% mais barato do que as gravações convencionais.

Uma das canções traz uma crítica velada às intolerâncias imigratórias de Donald Trump. “Perigoso”, também de 2011, tinha a participação de Renato Teixeira no canto.

Era um rock rural, quase country, que não se distanciava muito desse universo. A versão atual é feita em ritmo de corrido, um gênero mexicano típico da fronteira com os Estados Unidos e consumido, conta Nasi, pelos “narcos de Tijuana”.

“A versão partiu da ideia de uma animação. Criei o roteiro de uma história na qual um galo inspirado no próprio Nasi briga com o galo Trump na fronteira dos dois países. Queria apontar para aqueles americanos vagabundos que colocaram essas pessoas para trabalhar fazendo o que eles não queriam fazer por anos e que, agora, apoiam sua deportação.”

Nasi não acredita que vá municiar a vingança de seus detratores bolsonaristas com o disco em IA. Em abril, quando esteve com o Ira! para um show em Contagem, em Minas Gerais, se pronunciou contra uma parte da plateia que vaiou a banda assim que ele gritou “sem anistia” no palco.

“Se eu pudesse voltar ao tempo, falaria diferente. É essa a direita que quer mudar o país? Que é a favor de golpista?” Posicionamento é algo que a IA ainda não faz.